André Gide e a Alemanha

Conversação com o poeta[[1]](#footnote-1)

Há algumas semanas, conversando com um dos principais críticos da França, perguntei: “Quem entre os grandes franceses parece-lhe, em sua figura e em sua obra, o mais aparentado a nós?"; a resposta dada: “André Gide”. Não quero negar que essa resposta, se eu não a aguardava, por ela ansiava. No entanto, evitemos um mal-entendido evidente. Se Gide, o homem, o pensador, possui, de certa forma, uma afinidade inegável com o gênio alemão, isso não significa que, como artista, ele viria ao encontro dos alemães, e que se tornaria fácil para seus leitores alemães. Não o é para eles como não o é para os seus compatriotas.

A Paris de onde ele vem não é a dos incontáveis ​​escritores de romances e do mercado internacional de comédias. O talento e a família ligam-no mais do que a esta cidade ao norte, à Normandia e sobretudo ao protestantismo. É preciso ler uma obra como a *Porte étroite* para reconhecer com que amor Gide envolve essa paisagem e até que ponto a paixão ascética de sua jovem heroína está envolvida com essa paisagem.

Um aspecto moralista e reformista era peculiar ao seu trabalho desde o início. Não há escritor em quem a energia produtiva e a energia crítica tenham estado mais estreitamente ligadas do que nele. E se foi há trinta anos o protesto do jovem Gide contra o nacionalismo primitivo e estéril de Barrès, ou se hoje seu último romance, os *Faux-monnayeurs*, realiza uma correção criativa da forma corrente do romance a partir do espírito da filosofia da reflexão romântica – uma coisa é certa, esse espírito permaneceu absolutamente fiel: a necessidade de repelir os dados, não importa que estejam do lado de fora ou encontrem-se em si mesmo.

Se é nisso que encontramos a essência deste importante autor tanto como poeta quanto como moralista, então são dois grandes que lhe mostraram o caminho para si mesmo: Oscar Wilde e Nietzsche. Talvez o espírito europeu em sua figura ocidental, em contraste com sua face oriental representada por Tolstoi e Dostoiviski, nunca tenha sido expresso com maior evidência do que nesta tríade. Se todavia mais tarde, quando o poeta traz ao discurso o que deve à literatura alemã, o nome de Nietzsche não tenha surgido, pode ser porque falar de Nietzsche significaria para Gide lidar consigo mesmo num sentido excessivamente intenso, excessivamente responsável. Pois, teria compreendido pouco de Gide, quem não soubesse que os pensamentos de Nietzsche eram mais para ele do que o esboço de uma “visão do mundo”. “Nietzsche”, disse Gide ocasionalmente em uma conversa, “abriu uma estrada real ali onde eu poderia ter feito apenas um caminho estreito. Ele não ‘me influenciou’; ele ajudou-me”.

Isso é modéstia, mesmo se não ocorre uma palavra sobre tudo isso hoje. Modéstia: essa virtude tem duas faces. Existe a pretensa, a premida, a encenada pelo pequeno, e a calorosa, serena e verdadeira do grande. Ela irradia convincentemente cada movimento do homem. Sente-se que ele está acostumado a se mover na casa real das ideias. De lá, do contato com rainhas, a entonação suave, o jogo hesitante, mas significativo das mãos, a mirada discreta, atenta de seus olhos. E quando ele me garantiu ser geralmente um interlocutor desconfortável na conversa – tímido e selvagem ao mesmo tempo – então, eu sei: para ele significa, ao mesmo tempo, perigo e sacrifício, sair do círculo da existência habitual e solitária, daquela casa real. Cita-me o dito de Chamfort: “Se alguém realizou uma obra-prima, as pessoas não têm nada mais urgente a fazer do que impossibilitar a próxima”. Como ninguém mais, Gide rejeitou vigorosamente honras e títulos de glória. “É verdade", diz ele, “Goethe diz que apenas os mendigos são modestos, no entanto”, continua ele, “não houve nenhum gênio mais modesto do que ele. Pois, o que significa a paciência de, na velhice extrema, subordinar-se a uma ordem mais baixa e aprender o persa? Sim, mesmo ler no entardecer de um dia enorme de trabalho, já era para esse homem, modéstia".

Na França, houve rumores de que Gide queria traduzir *As Afinidades eletivas*. E porque recentemente seu diário de viagem do Congo fala sobre uma nova leitura do livro, pergunto a ele sobre isso. “Não”, Gide responde, “traduzir agora é uma aventura remota para mim. É claro que Goethe ainda me atraía". Uma ligeira hesitação segue, característica nele. “E certamente todo Goethe está em *As* *Afinidades eletivas*, mas se eu tivesse que traduzir alguma coisa, preferiria pensar em *Prometeu*, algumas passagens de *Pandora*, ou em páginas de prosa menos frequentadas, como o escrito sobre Winckelmann."

Então penso em uma tradução alemã que Gide publicou recentemente, um capítulo de *Henrique, o verde*[[2]](#footnote-2) de Gottfried Keller. O que pode ter levado o poeta a essa direção? Uma expressão de Jacques Rivière, o amigo desaparecido, passa pela minha mente: aquele “jardim encantado da hesitação”, no qual Gide iria morar por toda a vida. Neste jardim também viveu Keller, o poeta de profundas inibições e reservas apaixonadas, e a partir daqui o encontro entre os dois grandes prosadores poderia ter nascido.

Mas não se chegou ao ponto de eu poder ouvir algo de Gide a esse respeito. Pois a conversa deu uma súbita virada: "Gostaria de dizer-lhe algo mais sobre os propósitos da minha visita". O objetivo era realizar uma *conférence* em Berlim. E à preparação desteeu queria dedicar a primeira semana da minha estada em toda paz e recolhimento. Mas as coisas foram muito diferentes daquilo que havia previsto, pois a amabilidade dos berlinenses, seu interesse por mim, provou ser tão grande que a ociosidade, com a qual contava, não queria se instalar. Por outro lado, minha decisão de não me apresentar exceto por um discurso bem elaborado permaneceu firme*: Je voulais faire quelque chose de très bien*[[3]](#footnote-3). E ficaria contente se o senhor desse a conhecer isso e acrescentasse que meu objetivo não foi abandonado, apenas a execução foi adiada. Vou voltar com a minha *conférence*[[4]](#footnote-4). Talvez então ela tenha um tema bastante diferente do que o que tinha em mente desta vez. Posso dizer apenas isso: não pretendera, nem pretendo no futuro falar aqui da literatura francesa, como frequentemente acontece. Em minhas conversasberlinenses pude verificar continuamente como bem informados a este respeito estão todos os senhores, que se interessam por isso.

Estava pensando em falar sobre outra coisa. Gostaria de explicar quais os elementos mais frutíferos e estimulantes de sua literatura para mim como autor francês. Os senhores teriam me escutado sobre que papel desempenhavam na França e, em particular, para mim, Goethe, Fichte, Schopenhauer. Também aproveitaria a oportunidade de falar para os senhores sobre o novo e intenso interesse pelas coisas alemãs entre nós. E se compararmos o estudioso francês atual com o da geração anterior, posso dizer o seguinte: ele ficou mais ansioso para saber, sua visão está prestes a se ampliar para além dos limites culturais e linguísticos de sua terra natal. Compare isso com a afirmação de Barrès: 'Aprendendo idiomas? Por quê? Para dizer a mesma tolice de três ou quatro maneiras diferentes?' O senhor percebe o significado dessa frase? Barrès, sobretudo, pensa apenas em falar, ler em uma língua estrangeira, adentrar em literatura estrangeira, não vale nada para ele. Se em Barrès isso era uma suficiência nacionalista, em Mallarmé na mesma época era uma suficiência no mundo espiritual interior o que fazia cada olhar para o exterior, o amor à viagem ou o conhecimento de línguas estrangeiras, torna-se algo raro. Não teria, talvez, a filosofia do idealismo alemão levado seus discípulos franceses a essa atitude?"

Gide então conta a anedota curiosa de como Villiers de l'Isle-Adam introduziu a doutrina hegeliana no círculo de Mallarmé. Parece que um dia o jovem Villiers comprou um pacote de batatas quentes numa esquina: o papel do embrulho, porém, era uma folha de uma tradução da *Estética* de Hegel. Desta forma, e não no caminho oficial pela Sorbonne e Victor Cousin, o idealismo alemão teria chegado aos simbolistas.

*“Ne jamais profiter de l'élan acquis*” - nunca tire proveito do ímpeto já alcançado: no *Journal des faux-monnyeurs*, Gide define assim uma das máximas de sua técnica literária. É, porém, muito mais do que uma regra da escrita: é a expressão de uma atitude espiritual que aborda cada problema como se fosse o primeiro, o único de um mundo que acabou de sair do nada. E se o poeta, como a figura mais representativa da cultura francesa, dirigir-se aos ouvintes alemães, oxalá em um futuro próximo, se colocará, no sentido de um tal novo começo, em um espírito, que não deverá em nada aos ânimos e aos humores da opinião pública aqui e lá. Para ninguém mais que para aquele que escreveu há muitos anos: "Nós reconhecemos como de valor somente a obra que no seu elemento mais profundo é a revelação do solo e da raça da qual emerge", a comunidade dos povos é uma coisa que se realiza apenas na mais elevada e precisa expressão, certamente também apenas na purificação espiritual mais rigorosa dos caracteres nacionais. Obscuridade e imprecisão, onde quer que estejam, são estranhas para ele: não é por acaso que Gide sempre se confessou um fanático pelo desenho, pelo contorno nítido.

Nesse sentido, vamos esperá-lo novamente na Alemanha, ansiosamente e com alegria; ele, o grande francês que, com o seu trabalho, paixão e coragem, conseguiu dar à sua fisionomia o caráter europeu.

1. \* *G.S.* IV-1, pp.497-502, entrevista publicada no jornal *Deutschland Allgemeine Zeitung* em 29/01/1928. Traduzido por Carla Milani Damião. [↑](#footnote-ref-1)
2. N.E.: *Der grüne Heinrich (Henrique, o Verde*, 1854-55), romance de Gottfried Keller (1819-1890). [↑](#footnote-ref-2)
3. N.T.: “Eu gostaria de fazer algo muito bem” [↑](#footnote-ref-3)
4. N.T.: “conferência” [↑](#footnote-ref-4)